

VALTER HUGOMÃE CASA DE PAPEL



OS POETAS

Acabo de perceber que se juntaram Os Poetas outra vez. Já garanti o meu bilhete para o concerto na Casa da Música, já pousei o meu CD à frente da aparelhagem, já preparei o coração.

Houve um tempo em que se falava das gravações do Herberto Helder mas ninguém as ouvira. Existiam como uma voz extinta, calada por uma convicção avara da poesia, uma voz fósil que estaria nos discos impossíveis de encontrar. Os discos como fósseis da voz do Herberto Helder, que nós amávamos com um amor inteiro, sem medo, com as mariquices todas.

Houve um tempo em que o Herberto Helder não existia. Era deitado aos livros para ser apenas o poema e gente nenhuma. E nós tomávamos conta do amor à míngua, bastados com a abundância de cada poema. À espera, sempre à espera.

Quando se editou o CD único do projeto Os Poetas, *Entre nós e as Palavras*, pusemos a faixa dois e ouvimos, do lado de lá do milagre, a voz.

Como se houvesse finalmente a prova de um corpo, a prova de alguém e os sentimentos fossem menos platónicos, menos loucos. E o Rodrigo Leão mais o Gabriel Gomes nunca falham na composição da dolente solenidade, uma cristalina maneira do som. Era como se a música se compusesse pela simples refração da luz nos cristais.

Ficámos horas entre o Herberto Helder e o Mário Cesariny. Ressuscitava a Luiza Neto Jorge. Ficámos horas entre o Al Berto e o António Franco Alexandre. Como ficámos horas adorando o Francisco Ribeiro, que já morreu, filha da puta da morte.

Os Poetas regressam para três concertos, sem o Francisco e com textos da Adília Lopes e do António Ramos Rosa. Aquilo que não será nunca a mesma coisa tem direito a ser outra coisa qualquer. Não espero desilusões, muito ao contrário. Espero o recomeço de algo que não se fique por aqui. Precisamos de uma lei, apenas afectiva mas muito efectiva, que os obrigue a compor de novo, a gravar, e a permitir que quem esfaima pelos sonhos se banquetee, uma e outra vez, com o melhoríssimo que a cultura portuguesa soube fazer.

Se me virem na Casa da Música, contem-me entre os que levam um candeeiro dentro do peito. Aceso. Apenas disfarçado pela roupa que, por pudor, vestirei.

Por outro lado, depois de nos devolver os Sétima Legião, depois dos temas inéditos em *Songs* e dos concertos a soto, o Rodrigo Leão está a precisar de uma estátua. Ou de uma Scarlett Johansson só para ele. Também devia haver uma lei afectiva para galardoar estes homens com a felicidade.



Precisamos de uma lei, apenas afectiva mas muito efectiva, que os obrigue a compor de novo, a gravar, e a permitir que quem esfaima pelos sonhos se banquetee, uma e outra vez, com o melhoríssimo que a cultura portuguesa soube fazer